

Pinheiro Chagas
(Vide texto)

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.	20\$000	Anno.	24\$000
Semestre	12\$000	Semestre	14\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todos as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitar-nos a expedição.

A ADMINISTRAÇÃO

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 13 de Abril de 1895.

PONTOS NOS ii

NÃO tenho por habito responder ás censuras que me fazem sobre os desenhos que publico,— verdade seja que raras,— pois é facil de comprehender-se que é impossivel agradar a Deus e ao Diabo ao mesmo tempo.

Tratando-se, porém, do *Correio Paulistano*, não posso deixar de abrir excepção em favor de tão estimavel e antigo collega, e, posso dizer, quasi companheiro, pois que já nos achamos nas mesmas fileiras, combatendo alguns actos arbitrarios—alias necessarios—por occasião da guerra do Paraguay — do energico presidente Tavares Bastos de honrosissima memoria.

Fazia eu então parte da imprensa paulista.

A minha estreia foi no *Diabo Coixo* e logo depois fundei *O Cabrion*. Tive como principais collaboradores os Drs. Sizenando Nabuco, Ferreira de Menezes, Antonio Manoel dos Reis, Luiz Gama e o Dr. Americo de Campos, este ultimo, unico sobrevivente d'essa pleiade de moços intelligentes, estudantes então, e mais tarde illustres nas lettras, no fôro e na imprensa.

Ao lembrar-me dessa epocha, não posso deixar de dizer, entre dois suspiros: « Bom tempo aquelle! »... Mas... como os jacobinos não me perdoam nada, e podem suppôr que refiro-me á monarchia e chamar-me de sebastianista, apresso-me em declarar que a razão d'essa minha saudosa exclamação é que tinha então apenas vinte annos...

Como bém vê o meu collega, sou um veterano na imprensa brasileira, tendo tido a honra e a satisfação de ter feito as minhas primeiras armas na Capital do Estado de S. Paulo em companhia de brasileiros tão distinctos como os que citei. Devo, portanto, saber onde tenho o nariz em materia de critica.

Creia que não tem razão, o meu illustre collega paulista, em censurar-me—alias com uma delicadeza pela qual lhe sou grato—dando a entender que chasqueei *O Paiz*, mas

de tal modo, que parece ter eu chasqueado ao mesmo tempo o seu redactor chefe.

E' uma Injustiça que me faz e me obriga a esclarecer esse ponto.

Não posso, como outr'ora, (e isso digo-o com o maior pezar), acompanhar esse importante orgão da imprensa fluminense.

O rumo politico que elle tem adoptado diverge inteiramente do meu. Elle está no seu pleno direito de pensar de um modo, assim como eu o estou de pensar de outro.

Elle faz politica e representa um partido; tem um programma e uma bandeira em volta da qual aggrupam-se seus adeptos e correligionarios.

Eu, ou antes o *D. Quixote*, não faz politica; considera esta uma verdadeira praga.

Tambem não representa partido algum; representa-se a si mesmo, e já não é pouco, pois que assume toda a responsabilidade de seus actos.

Tem um programma... ah! isto elle tem! simples, mas grandioso: A prosperidade do Brazil.

Tambem tem sua bandeira, a bandeira mais bella: a bandeira nacional!

E é em volta desta que elle quer ver reunidos todos os brasileiros, e para isso empregará os maiores esforços.

E' preciso que a divisa: *Ordem e Progresso* não seja uma ironia, tanto aos olhos dos verdadeiros patriotas, como aos das nações estrangeiras, perante as quaes temos o dever, para manter o nosso credito já bastante abalado, de não passar por um povo barbaro e completamente desorientado.

Qual é o verdadeiro patriota que pôde, sem estremecer de indignação, lêr todos os horrores commettidos em varios Estados, como nos de Santa Catharina, Paraná, Rio Grande do Sul, Pernambuco e até nesta Capital, como o mostramos no nosso ultimo numero, com o tal wagon de vergonhosa fama?

E tudo isso praticado por quem? Por altos representantes da *Legalidade*! Outra ironia para fazer *pendant* com a da *Ordem e Progresso*.

Bella ordem o bello progresso, não haja duvida!....

Mas..... isto representa o regimen do governo passado, que *O Paiz* não só defende, como exalta com todo o enthusiasmo!

O meu illustre collega *Correio Paulistano* comrehenderá, portanto, que o *D. Quixote* não pôde acompanhar *O Paiz* em semelhante terreno, e tem até o dever de combatê-lo e chasqueal-o. Incensal-o é que não pôde.

Agora permitta-me que lhe observe o seguinte: A caricatura realmente dóe quando se lança mão do ridiculo dando qualquer forma á pessoa e desenhando-lhe a physionomia. Por exemplo, a que sahiu sobre a eleição de Pernambuco, ou a que appareceu na ponta da lança do *D. Quixote*.

Antigamente, isto é, desde 1876 até ao fim do anno 1888, tive varias occasiões de apresentar na *Revista Illustrada*, então sob minha direcção, a figura do redactor-chefe d'*O Paiz* em allusões antes lisongeiras, pois que combatiamos, sob a mesma bandeira democratica, os abusos do antigo regimen, que, digamos a verdade,

eram muito menores do que os do actual. (Aproveitem, jacobinos!)

Hoje, porém, vendo o meu antigo collega seguir rumo diverso, encarando a republica por um prisma differente do meu, não posso usar do mesmo systema, personificando *O Paiz* na pessoa do seu principal redactor sem lançal-o ao ridiculo.

Por isso adoptei, ou antes, a *Gazeta de Noticias* e o *D. Quixote* adoptaram a forma do **O** para representar o *O Paiz*.

Chasqueio-o, pois, como diz o *Correio Paulistano*, e até sem graça, na opinião d'este collega, o que é bem possivel; mas não chasqueio, nem injurio, nem lanço o ridiculo sobre nenhum dos redactores desse jornal, pois julgo que elles têm o direito de pensar diversamente do que eu penso e seguir a politica que entendem.

E se assim não fosse, onde estaria então a liberdade da imprensa?

Posso eu ser juiz em causa propria suppondo que a minha opinião é a melhor?

O verdadeiro juiz é o publico, e esse dirá quem tem razão.

Conheço pessoalmente quasi todos os redactores d'*O Paiz*, que sempre me trataram com consideração, principalmente o redactor-chefe, de quem me prezo e honro de ser amigo e admirador.

Quando nos encontramos, as nossas mãos apertam-se lealmente.

E' possivel que elle diga comsigo: « Pena é que o Angelo não pense como eu! ».

O mesmo digo eu do Quintino.

ANGELO AGOSTINI

OS QUE PASSAM

PINHEIRO CHAGAS

A noticia, que nos foi dada pelo telegrapho, da morte do illustre homem de lettras e distincto homem de estado, Conselheiro Manoel Pinheiro Chagas, nem por ser a cada momento esperada desde que se soube das condições graves da enfermidade a que succumbio, nem por isso deixou de ser recebida sem profunda commoção.

Não cabe no limitado texto deste semanario,— obrigado á referencia dos varios factos da semana que exigem o seu commento,—tratar detidamente de todos os meritos do homem notavel que a politica e a litteratura portuguezas acabam de perder, e menos ainda estudar e definir a influencia exercida pela extraordinaria actividade do seu luminoso espirito no meio social em que actuou.

Como republicano adiantado, aspirando ao estabelecimento definitivo de um systema politico garantidor de todas as liberdades e impulsor de todas as energias promotoras do bem, só como homem de lettras podemos aureolar a memoria do illustre finado, assignando-lhe os meritos de historiador, de dramaturgo, de poeta, de critico e de jornalista.

Os productos da sua actividade mental em todas as faces da litteratura, constituem um opulento e precioso legado de que se pôde orgulhar a terra que lhe deu o berço.

Como participante desse legado, pela razão da mesma lingua, o Brazil não é menos participante no justo desgosto que enlucta as letras portuguezas pela perda de um dos seus mais laboriosos e notaveis representantes.

Dando o seu retrato na nossa pagina de honra, prestamos-lhe a homenagem devida ao seu elevadissimo merecimento.

TAGARELLICES

Eu já estava na resolução de nada mais dizer a respeito do **O**, e até já tinha deitado fallação aos collegas cá de casa, procurando convencel-os de que tanto **O** já era caceteação.

Desta generosa resolução, porém, veio demover-me a noticia que li no tal dito cujo de 10 do corrente, fazendo enorme barretada á chegada do representante do governador Castilhos que nos ministrava na Republica Oriental «com denodo e intransigencia só negados por aquelles que sentiram-se prejudicados nos planos que visavam o aniquilamento da nossa Patria (d'elle), a sua perturbação e o seu descredito.»

Ora eu, que sou justamente um d'esses prejudicados que combatem a rrrepublica de audacia e gazúia, e viso o aniquilamento da sua Patria, cujo credito se sustenta da não perturbação da guerra civil no Rio Grande, não posso deixar de tagarellar um pouco sobre esse acto de refinada cortezia do **O**.

Longe de mim contestar que o eleitor do Sr. Julio de Castilhos, que longamente (antes fosse ephemeramente) exerceu o cargo de Ministro do Brazil em Montevideo, houvesse diplomaticamente defendido os verdadeiros interesses da Rrrepublica do **O**.

Creio até mesmo que ninguem melhor do que esse diplomata partidario seria capaz de manter eternamente a brigada Picapau com Maragato, que sustenta o credito da Patria do **O**.

O que me leva a tagarellar é essa barretada a quem me causou o prejuizo de contribuir para a queda do cambio, não perturbando a supracitada briga, e ter eu, em consequencia d'isso, de ainda hoje comprar por 30\$000 reis as botas que eu estava habituado a comprar por 12\$000!

Outro motivo de tagarellice é aquella bajulosa pilheria com que o **O** termina a tal noticia.

«Baixando á terra o illustre moço veio abraçar a redacção d'O País, o que muito nos penhorou».

Baixando á terra!

Mas baixando de onde?

Só se foi das carrapitas da lua, aonde o **O** tinha guindado.

O melhor é que, para attestar essa excellencia diplomatica, com que o **O** tanto engrossa o recém-chegado, ou antes recém-baixado Sr. Victorino Monteiro, o telegrapho nos annuncia o profundo pezar com que a Republica visinha lamentou a retirada do ex-minisiro.

Ha até quem affirme que houve um verdadeiro aguaceiro de lagrimas... de foguetes!...

E quem a ouvisse entoar a lamentosa nenia:

Se você vai, não volta mais.

Pois, senhores, para se ser diplomata de primeira ordem, não é preciso mais nada.

Agora fico á espera de ler o que dirá o **O** á chegada do pendant diplomatico do Sr. Victorino Monteiro, — o Sr. Fernando Abbot, — outro partidario do Sr. Castilho, e intransigente e denodado sustentador do credito da rrrepublica do **O**, o qual certamente baixará tambem

a comprimentar-lhe e a abraçar-lhe a redacção, logo que transponha o Pão de Assucar.

Que elle chegue quanto antes, agora que está licenciado e... premiado, é o que anciosamente deseja o

MESTRE NICOLAU

Pourquoi?

(sobre a execução de uma walsa de A. Braga)

Porque?... pergunta a vaga melodia, e o pensamento em duvidas se afoga; será nune ou mulher quem assim voga no immenso mar azul da fantasia?

Onde acaba a creatura e principia o anjo? A mente em extasi interroga: Mortal será, que ao céu supplica e roga? Nune será, que sobe, e ao céu nos guia?

Quer sejas cor ou luz, canto ou perfume, corporisada essencia, alma de nune, humanisado accorde d'harpa ignota,

tu nos conduzes para além da vida, levas a mente ao ideal, erguida pelo invivel fio d'uma nota!

LUIZ NOBREGA.

BIBLIOGRAPHIA

REVISTA CONTEMPORANEA

Acabamos de receber a honrosa visita da *Revista Contemporanea* (n. 6 do II anno) excellente periodico litterario que se publica no Recife, Estado de Pernambuco.

A redacção e administração d'este importante periodico está confiada a França Pereira, Theotônio Freire e Marcellino Cleto, que o mais galhardamente que se pode desejar, se desempenham d'essa útil missão.

A leitura do numero da *Revista Contemporanea* que temos presente causou-nos agradabellissima impressão.

Um seguro criterio de moderno gosto litterario e artistico preside á elaboração d'este periodico, que reputamos um dos melhores que se publicam no Brazil.

Para demonstrar a optima orientação critico-litteraria desta preciosa *Revista*, basta transcrever estes topicos do juizo alli emmittido por um dos seus distinctos collaboradores—Raul de Azevedo—sobre o livro *Caricias*, de Machado Redondo:

«M. Guyau, no seu livro *a Arte no ponto de vista sociologico*, fazendo o estudo comparativo das litteraturas, escreveu que a «Arte dos nossos dias tornou-se cada vez mais democrata, e acabou mesmo por preferir a sociedade dos viciosos á das pessoas de bem».

«Infelizmente é assim. A maioria desses que escrevem, julgam que realismo quer dizer—pornographia».

«Esem estudar longamente Honoré de Balzac, Gustave Flaubert, Alphonse Daudet, Emile Zola, os Goncourt, fabricam dia a dia volumes absolutamente immoraes, que dão-nos idéa clara d'essas regateiras que quando offendidas vêm ao meio da rua, saia curta deixando ver pernas magras, cabeça desabotoado, a desenrolar todos os seus conhecimentos de peixeiras. Mesmo entre nós, no Brazil, apparecem dessas obras profundamente enjoativas, sem moral, sem base, sem Arte, como esse *Aborto*, romance do Sr. Figueiredo Pimentel—verdadeiro aborto de um Chico Botija de mercado barato».

«E elles não comprehendem, pelo seu fanatismo ao sujo, ao que cheira mal, que a «Arte é a natureza vista a travez de um temperamento», e que, por esse lado, deve ser encarada no seu realismo elevado».

O illustrado Dr. Martins Junior, tambem sobre este assumpto e sob o titulo *Naturalismo*, accentua essa boa orientação, dando do *realismo* uma definição scientifica na altura do seu elevado criterio.

Nada ha de futil ou banal nas paginas do n.º 6 da *Revista Contemporanea*, sendo notavel a excellencia dos versos que entremeiam os seus bellos artigos de prosa.

Em summa, a *Revista Contemporanea* do Recife, como a *Revista Brasileira* d'esta capital, prehenche na nossa republica litteraria a util e nobre função de caracterisar e transmittir ao futuro historiador a verdadeira feição do estado mental da geração presente.

Oxalá possa ella por longo prazo exercel-a com o mesmo enthusiasmo e o mesmo brilhantismo.

Pela nossa parte complimentamol-a e desejamos-lhe que prospere.

V. V.

FERROADAS

Fallando do numero 10 deste periodico, o *Correio Paulistano* commetteu a gentileza de dizer que as «ferroadas» eram o prolongamento da quarta pagina illustrada.

Tanta honra é de praxe agradecer-se comovido, o que gostosamente faço, neste momento solemne...

Lá quanto ao facto do illustre collega não achar nesta secção a leveza das outras, explica-se a coisa pela natureza do assumpto e pelo proprio titulo.

Ferroadas ardem, naturalmente, mas lá diz a sabedoria popular—que o que arde cura.

E é isso que se quer.

Uma coisa confesso, porém: se eu escrevesse no tempo da *legalidade*, seria obrigado a desistir do meu ferrão, e, em vez de «ferroadas», passaria a dar—LAMBEDELLAS...

—Senão...

—O—

O *Jornal do Commercio* avivou ha dias a memoria publica, estampando em suas columnas o vibrante manifesto dos heroicos federalistas, datado de 15 de Março de 1893.

Como se sabe, é esse preciosissimo documento um protesto formal, claro e positivo, contra a insinuação muito réles de «restauradores» da monarchia, atirada como gato morto á cara dos que não applaudiam a funesta politica do marechal.

Ahi vae um trecho:

«Queremos, sim, a restauração da «lei, do direito, da justiça, da «segurança á liberdade e aos «bens e á vida de todos os cidadãos.»

Termina com um viva á Republica e é subscripto pelo legendario general Silva Tavares e por todos os seus denodados companheiros.

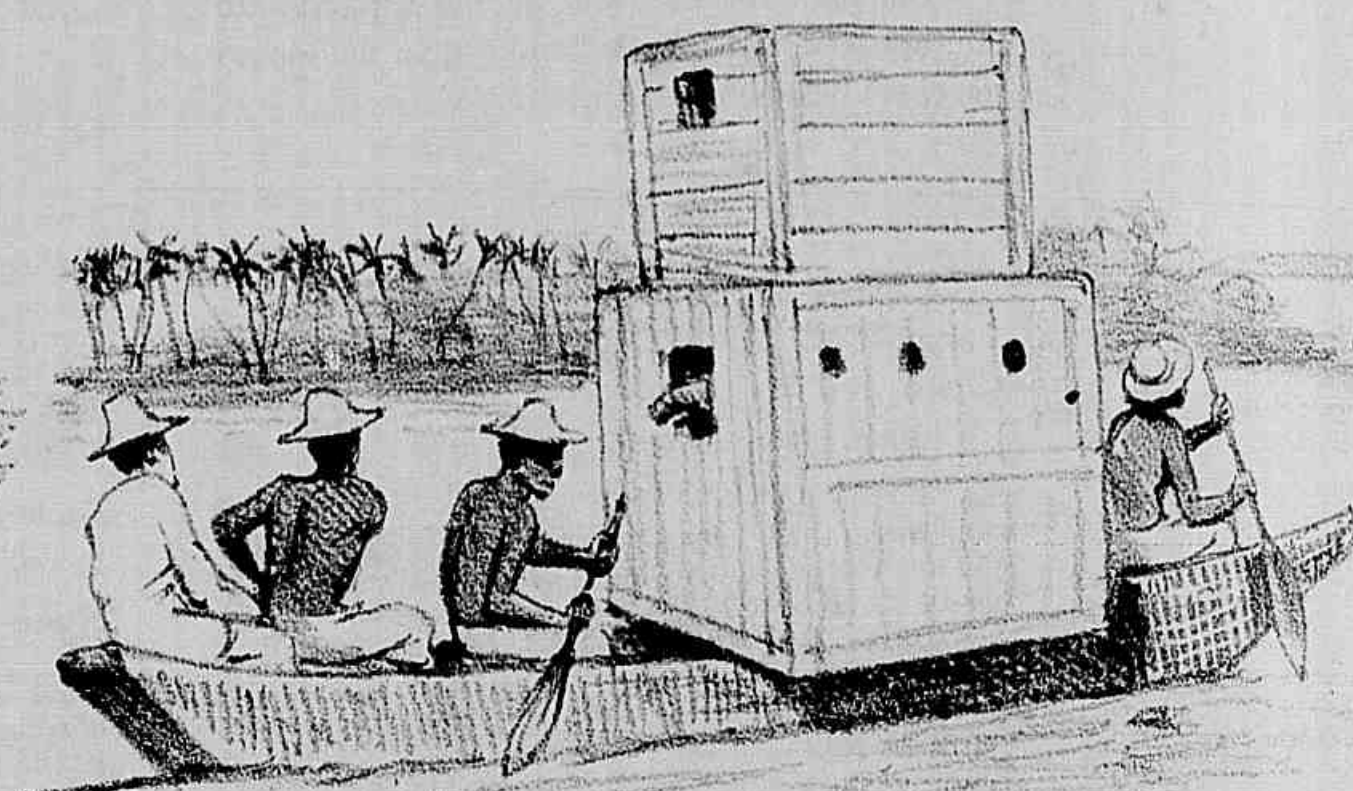
Leiam, leiam esse manifesto; reflectam que

O RECÚO

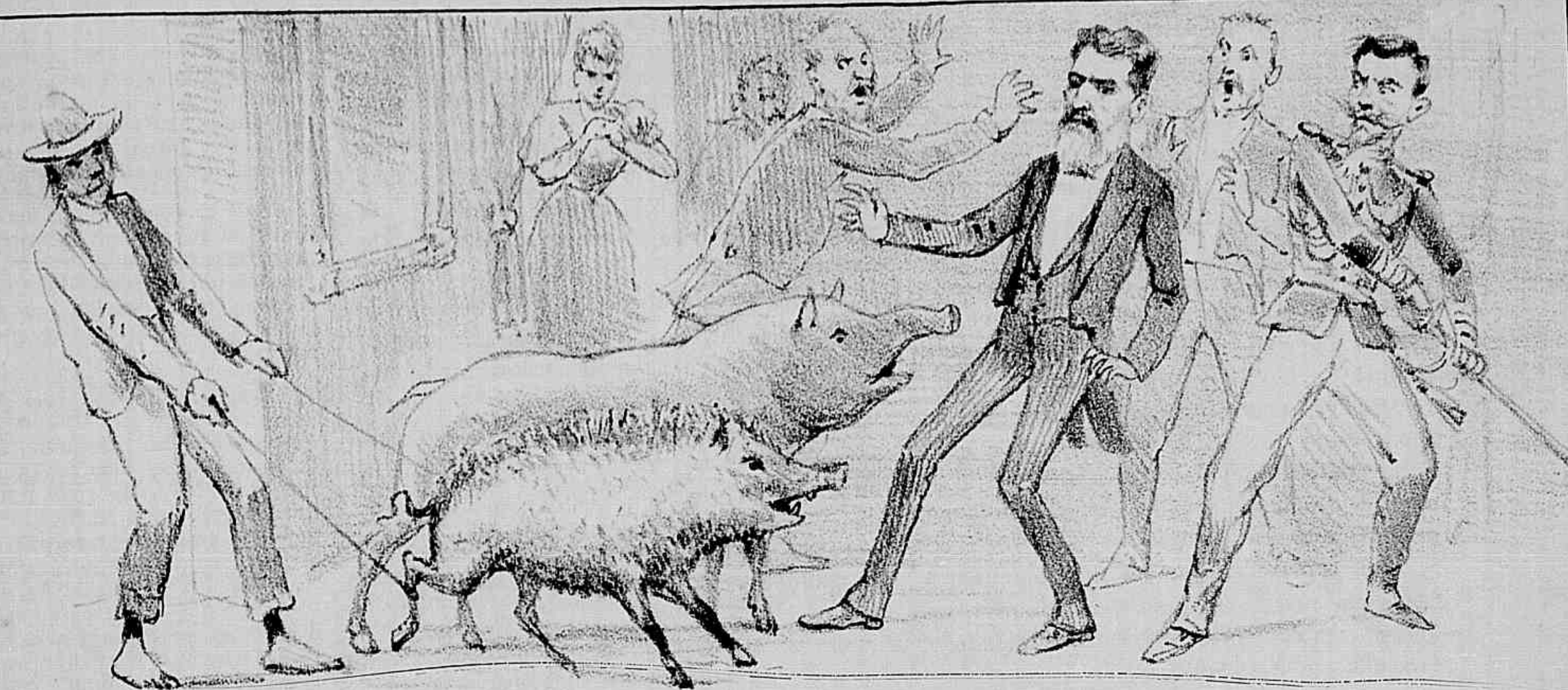
Don Quixote



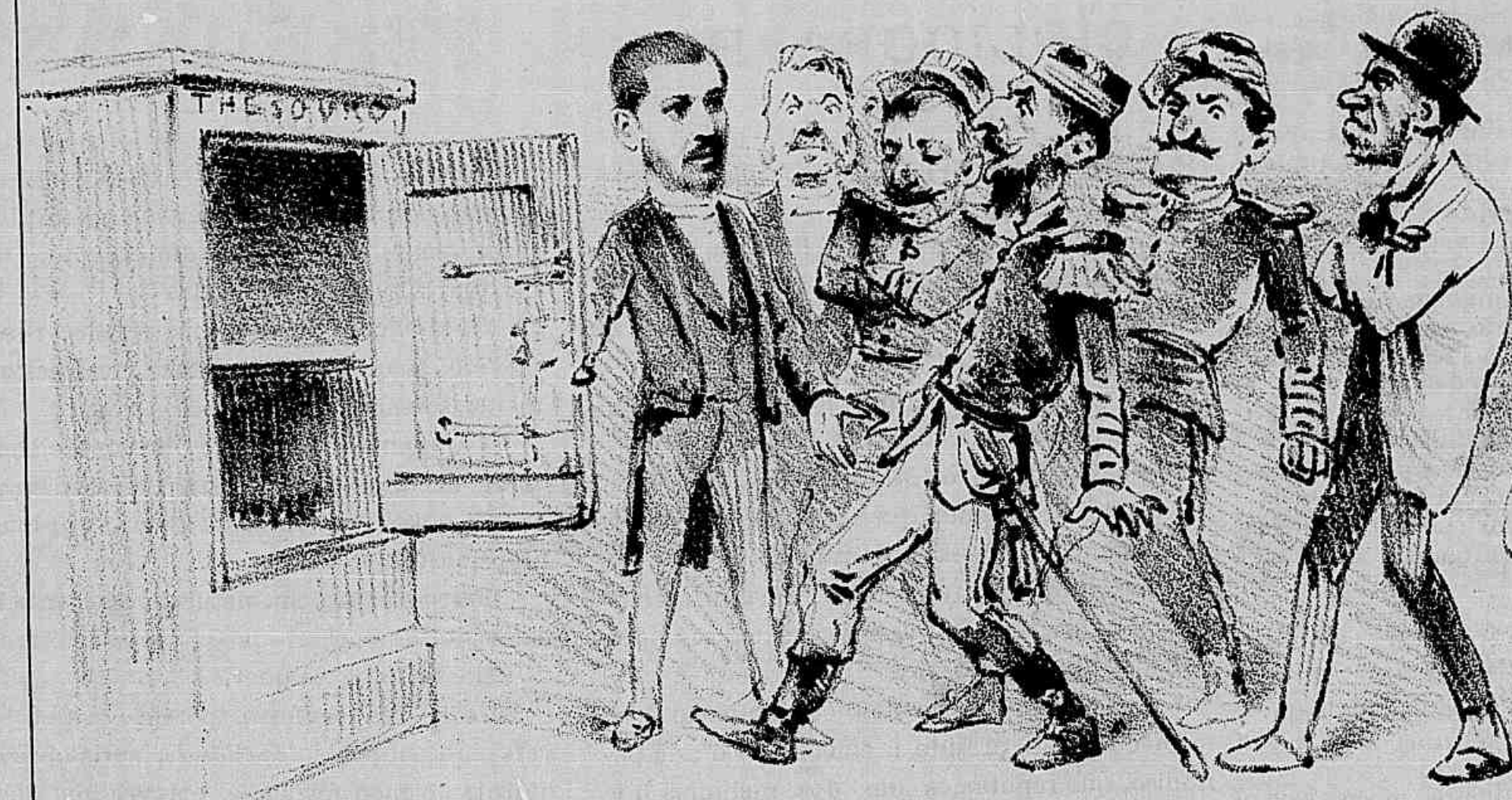
Sancho Pansa vendo que se trata de recuar os prédios, estuda a questão, consultando a obra que melhor o pode orientar.



O presidente do Amazonas vendo a importância que tomou a bicharia n'esta Capital, não recuou diante da bella lembrança de fazer uma surpresa ao Sr. Prudente de Moraes enviando-lhe um rico presente.



Consta que ao ver entrar no Itamaraty um tal mimo o Sr. presidente recuou d'espanto!

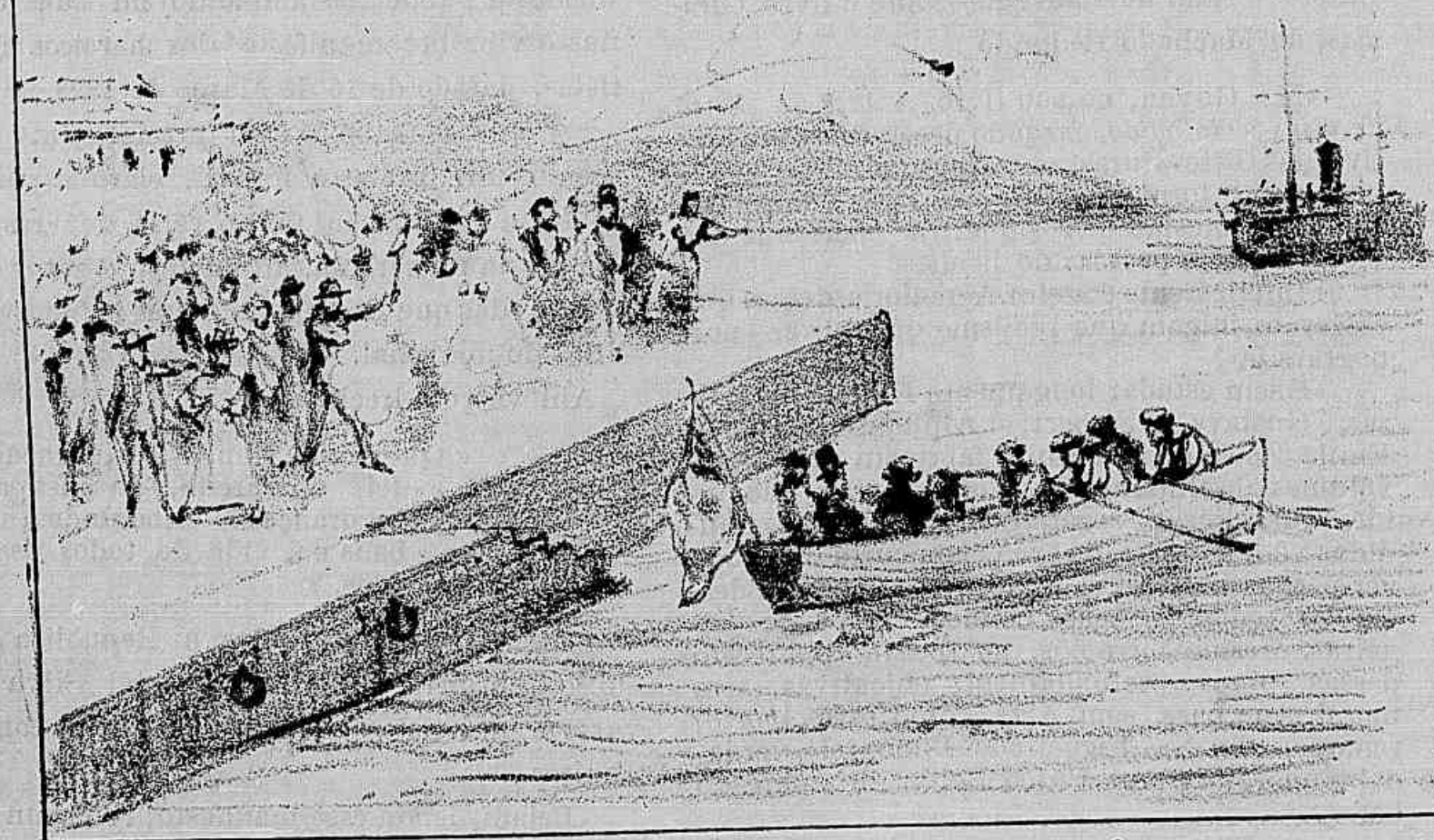


Também consta que varios partidarios do Sr. Castilho começam a recuar diante do cofre vazio. — Que querem, disse o Sr. Castilho, se em lugar do Rodrigues Alves fosse o nosso Cassiano, o cofre estaria cheio.

Dizem que este recuo ainda acabará em debandada.



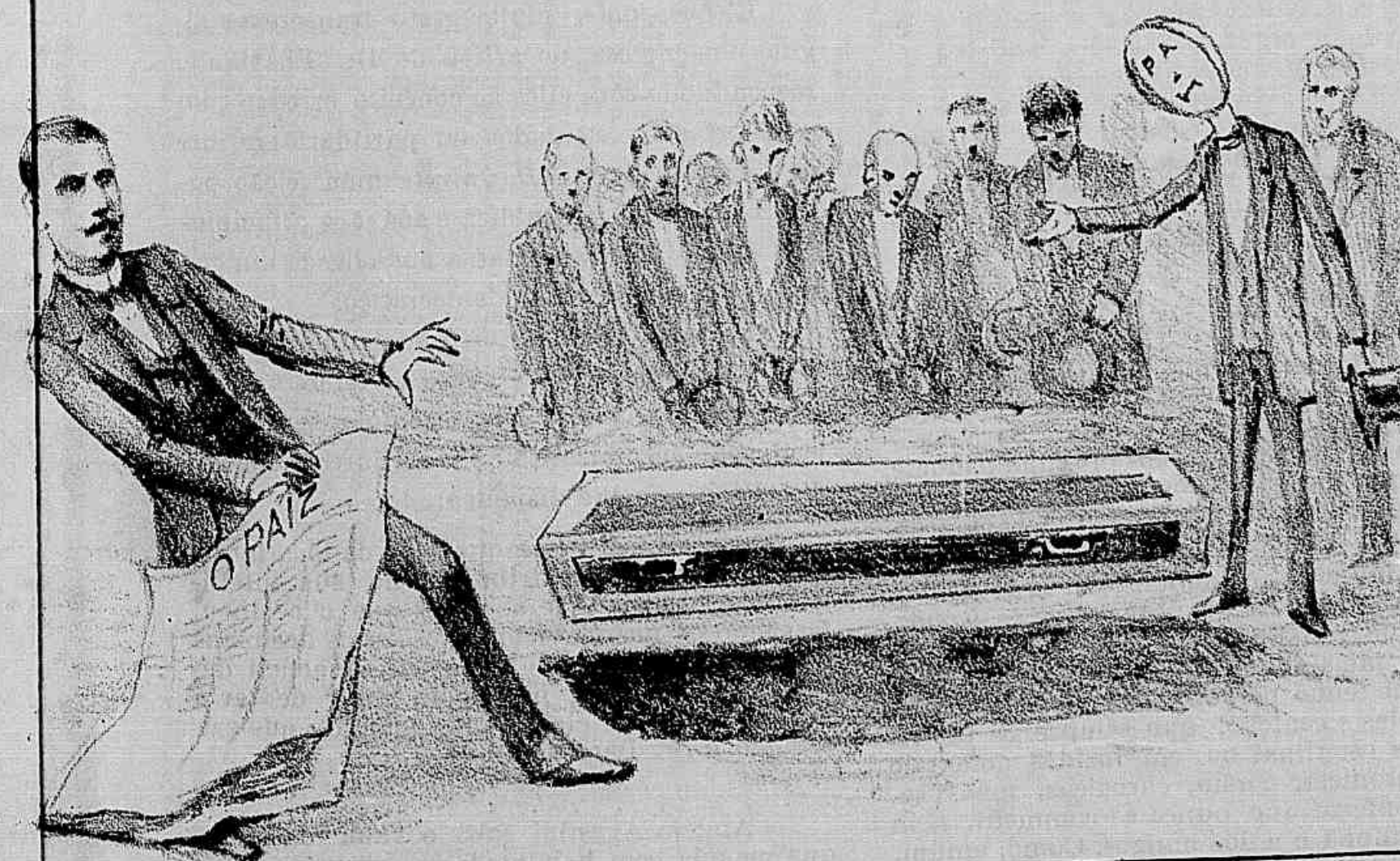
Na campanha, as tropas castilhistas também recuam diante do valor dos heroicos gauchos.



A Republica Oriental não recuou em manifestar o seu regosio pela sabida algum tanto precipitada do nosso ex-ministro Sr. V. Monteiro,



o qual deixou a terra, na phrase d' O Paiz, que naturalmente tem S. Ex. na conta de um anjo... do castilhismo.



O Sr. V. Monteiro, interpretando essa phrase de outro modo, recuou horrorizado com a idea de que O Paiz o quizesse já enterrar....



Quem recuou contra vontade foi o Dr. Abbot, ex-ministro do Brazil na Republica Argentina; foi tratado com a distincção a que fez jus.

é um documento antigo e já conhecido, e admitem depois a sinceridade palhaça dos que pediam a exterminação dos valentes gauchos, em nome da salvação da Rrrrrrepublica!

—o—

Também o proveito collega deu-nos a grata notícia de que o governador do Amazonas fez presente de uma anta e de um porco do matto ao Sr. presidente da Republica.

Se a moda péga e os governadores dos estados dão em presentear o Dr. Prudente de Moraes com os bichos que habitam os seus domínios... upa! que então é que se vai ver o bonito!

De Pernambuco, da Bahia, de Sergipe, do Rio Grande do Sul, de Sta. Catharina e do Paraná não faltarão nem feras, nem reptis, nem aves de rapina dignos de uma galeria de *primo cartello*.

Até o nosso estado do Rio não faltará a festa com os seus engraçados quatys municipaes que, apesar de annullados, estão pintando a saracura, em Nictheroy...

—o—

Receio muito, porém, que o Sr. Drummond recorra a mais trinta juriconsultos e proteste contra a criação desse novo jardim.

S. Ex. não pôde consentir outra galeria zoológica que não a sua, assim como não conhece outro jogo tão necessario como o seu.

Sou o primeiro a reconhecer isto e aquillo, isto é, que o jogo zoológico evita conspirações, depois de mortas, e que em questões de bichos S. Ex. é realmente o *primus inter pares*...

—o—

O *Paiz* noticiou a chegada do Sr. Dr. Victorino Monteiro, ex-ministro do Brazil em Montevideo, e disse que S. Ex. defendeu com denodo e intransigencia os verdadeiros interesses da Republica, etc., etc.

Chama-se a isto escrever torto por linhas direitas, pois é sabido que o novel diplomata é um castilhistas extremado e a sua diplomacia consistio em ajudar o Sr. Castilhos a dar cabo dos maragatos.

Tanto isto é certo, que S. Ex. julgou opportuno, agora que são bem conhecidas as idéas pacificadoras do actual governo, recolher-se ao exilio da sua fazenda:—e O *Paiz*, dizendo que o illustre moço *baixou á terra*, provou que não é só Deus que escreve direito por linhas tortas...

—o—

Outro tanto acontece com o Sr. Abbot, outro ex-ministro nosso em Buenos Aires, que, como o seu ex-collega, também defendeu com denodo os taes *verdadeiros interesses* da Republica.

Decididamente o governo do Sr. Prudente de Moraes está fazendo jús á carapuça que O *Paiz* talhou na noticia do regresso do Sr. Dr. Victorino Monteiro.

Um governo que dispensa o concurso de tão distinctos diplomatas é quasi um governo « restaurador »... da Lei e do bom senso.

—o—

Que as duas notabilidades sejam substituidas com vantagem, é o que desejo, para não

haver mais ensejo de repetir-se o conceito de Castilho:

—Tire das leis com que dar uso aos queijos
Quem pôde: e cada qual gyre em seus eixos.

—o—

Como falei n' O *Paiz*, é justo consignar-lhe um aperto de mão pela merecidissima censura que fez a quem teve a sexquipedal idéa de supprimir o logar de photographo policial, e até o magro auxilio aos medicos legistas.

Se, effectivamente, chegamos a taes apuros financeiros, que não podemos nem ao menos manter o que é strictamente necessario em uma grande capital—eis um caso digno de sincera lastima. Mas se, como afiança o collega, foram suprimidas essas verbas e engrossadas outras na repartição policial—então a coisa muda de figura e ultrapassa as raías da *calinice*.

Apure-se o caso e vejamos quem foi que pensou que o Rio de Janeiro era a Mococa ou a... Beocia!

PERNILONGO

CHINOISERIES

PINHEIRO CHAGAS

Agora, ó musa pilherica,
reveste os trajos da dor,
e ajoelha sobre o tumulto
do valente lutador.

O fulgor do grande espirito
não foi só teu, Portugal;
o patriota pertence-te,
mas seu genio é universal.

Por isso, musa, consagra-lhe
o culto aos heroes do Bem,
tu, que os escriptos magníficos
do mestre prezas também.

Mostrou a senda que á gloria
pelo trabalho conduz.
Na terra—seu corpo é átomo—
Na Historia—su'alma é luz.

LU-NO

De Varanda

Hoje de manhã, após o café, quando á varanda do meo chalet suíço, por onde vejo as cousas alegres da vida, ria-me da futilidade dos homens pretenciosos, o carteiro entregou-me este bilhete postal:—«Carissimo Barnaba.—Seguindo para a Belgica no proximo paquete, peço-te que me substituas ahí no *D. Quixote*. Um abraço aos rapazes e até lá. Teo do coração, Blondin».

Ora muito bem, monologuei. Este senhor Blondin vai-me fazer dançar na *corda bamba*, não ha que ver. Na minha vida bohemica, que eu saiba, jámais escrevi para o publico. Verdade é que tenho perpetrado versos, romances, novellas e contos... que sempre os preferi em libras esterlinas ou em luzidas notas do banco. Chronicas, porém, chronicas, meos senhores, confesso que nunca as commetti, nem mesmo a minha e a dos amigos. Como, enfim, se trata de satisfazer um pedido de amigo, que vale mais do que uma ordem, não ha remedio

senão benzer-me com a canhoto acenando-lhe com a direita.

++

Já então com ares sentenciosos de chronista consummado, serio e grave, appendiculo ao nariz, quasi que refestelado na unica cadeira de dous pés, que possuo como um prodigio de equilibrio, tomei do «Jornal do Brazil» e li na terceira columna esta noticia pasmosa, estupefaciente:

«Foi apresentado, na sessão de hontem do conselho municipal, um projecto de criação e manutenção de um theatro, cujos artistas nomeados por portaria do prefeito, serão considerados funcionarios publicos, gozando das mesmas vantagens que os empregados daquella repartição».

Desmaiei doze vezes. Artistas nomeados por portaria do prefeito, ó supremo ridiculo, ó suprema bambochata a que pôde chegar o filhotismo na arte theatral. Incredível! *Fin d'esprit!* Pois que?! Tenho visto muita cousa extraordinaria, tal como macaco tocar flauta, peru caixear e gallinha preta pôr ovos brancos. Mas artistas nomeados por portaria, como qualquer fiscal de freguezia... Não, senhores intendentes, isto não é serio; vossas eminencias estão debicando o criterio dos eleitores; ridicularizando a vossa competencia em materia artistica, rebaixando mais a infeliz arte dramatica em nossa terra. Um escandalo! Olhem, cheguem-se bem pertinho de mim para que ninguém nos ouça, e escutem com bastante attenção o que lhes digo aqui em segredo: artista nomeado por portaria só pôde ser portaria. Agora que o autor ou autoras de semelhante idéa genialmente máe merecem uma manifestaçãozinha como aquella que celebrou o Dr. Filinto das Azeitonas, é cousa que não offerece duvida, garanto.

BARNABA.

De Chapéo na Mão

Em extenso artigo d'A *Provincia*, que se publica na cidade de Recife, um dos seus illustres redactores—o Dr. Phaelante da Camara—, apreciando o n.º 7 do *D. Quixote* e o supplemento que o acompanha, accentúa, com a convicção de quem de ha longa data testemunha e avalia a acção que na evolução social deste paiz tem exercido o chefe e proprietario deste semanario, a coherencia de principios e a firmeza de caracter com que na elaboração do *D. Quixote*, como na de outras publicações congeneres, elle tem procedido.

E' nos, pois, muito grato transcrever alguns dos topicos do artigo do Dr. Phaelante, respondendo com elles ao conceito erroneo com que certos desorientados ou partidarios de má fé procuram dar ao *D. Quixote* uma feição politica adversa á Republica e aos seus principios de justiça que devem ser a bussola de um governo verdadeiramente democratico.

E como n'esta transcripção é nosso intuito registrar simplesmente o que se refere á acção e caracter do nosso chefe, fazemol-a sem a adjectivação encomiastica que o illustre redactor d'A *Provincia* lhe dispensa:

«.... Caricaturista que tem dado á larga, prodigamente, a contribuição da sua intelligencia e boa vontade ao paiz que o acolheu, farpando os nossos vicios e os erros dos maus governos, no velho regimem ou na actual democracia macabra, não podia fugir de ter a *magna pares* no clamor nacional de que vai seguido o Sr. Barbosa Lima.»

«Angelo Agostini sabe o valor da arma que maneja com habilidade, e, certo da força das opposições consciences, começou a remover esse novo obstaculo aos bons costumes republi-

canos, com a sincera convicção com que ajudou a rolar o imperio para a valla commun».

Com a transcripção d'estes topicos, o *Don Quixote*, comprimenta o Dr. Phaelante da Camara, agradecendo-lhe reconhecido a justiça que faz ao seu chefe.

Calçamento das ruas

O Sr. José Simão da Costa enviou-nos um exemplar do Memorial apresentado ao Conselho da Intendencia sobre o seu systema de calçamento denominado: Pavimento sanitario fluminense.

Este systema já foi posto em pratica em Buenos Ayres, por proposta do mesmo Sr. Costa. O auctor emprega o asphalto no seu systema e prova que não só ha economia para a Municipalidade, como grandes vantagens para o publico.

Realmente, poucas são as pessoas que nesta cidade fazem uso de carros e tilburys, o que tem diminuido o numero d'esses vehiculos, pois o seu attrito sobre o nosso insupportavel e de ha muito condemnado calçamento de pedra é intoleravel.

Theatros

Foi com bastante satisfação que li nos jornaes do principio d'esta semana a noticia da apresentação ao Conselho da Intendencia Municipal de um projecto de lei creando ou instituindo um Theatro Nacional.

Tanta tem sido a má vontade, manifestada pelos nossos legisladores,—sempre com as mesmas futeis razões de inoportunidade economica,—para com todo o pensamento de criação de theatro nacional, que motivo é para regosijo de todos que amam a arte e a litteratura dramatica como um poderoso elemento de civilização, o facto de ver-se o actual Conselho Municipal occupar-se na discussão de um objecto que, a meu ver, constitue uma necessidade publica.

Li o projecto alli apresentado pelo Sr. Julio do Carmo, e subscripto por diversos Intendentes, e tambem os argumentos pró e contra expendidos na primeira discussão d'este projecto.

Para mim, a primeira questão a liquidar pelo Conselho da Intendencia é a necessidade de ser ou não instituido o theatro official como um elemento educador de instrução intellectual e moral, oppondo salutar antidoto contra a perversão do gosto e dos costumes propagada pelas actuaes casas de espectaculos que o povo, á falta de melhor e mais util divertimento, é obrigado a frequentar.

Quer-me parecer que, só por deploravel pessimismo de espirito tacanho, haverá no Conselho quem conteste essa necessidade.

Reconhecida, que seja, cumpre ao legislador municipal estudar e decretar os meios de satisfazer-a, como o cumprimento de um dos seus deveres.

Na primeira discussão do projecto apresentado pelo Sr. Julio do Carmo, o Sr. Honório Gurgel disse o seguinte:

— «Temos uma Escola de Bellas Artes custeada pela União; não agravemos o nosso orçamento com despesas não justificadas. A União que faça o Theatro Nacional.»

O honrado Intendente, com certeza, ao enunciar este pensamento, não reflectio na utilidade GERAL para toda a Republica que resulta da Escola de Bellas Artes, e na utilidade PARTICULAR, só para a população deste Municipio, auferivel da instituição de um theatro official.

Que proveito pôde advir, já não digo aos outros Estados, mas mesmo aos outros Municipios, do funcionamento de um theatro official no Municipio neutro, para dever ser custeado pelo erario da União?

Pela nova organização municipal, desde que as principaes fontes de renda da capital reverteram para a municipalidade, é justo que só a ella é que compete satisfazer as necessidades da sua população.

Ora, entrando o theatro official no numero d'essas necessidades, querer que a União o custeie é exigir d'ella um favor contra o qual podem, com toda a razão, protestar todos os Estados, todos os contribuintes da renda federal.

Dada a hypothese de reconhecer o Conselho da Intendencia a necessidade do theatro official e o dever que lhe corre de institui-lo, o projecto apresentado pelo Sr. Julio do Carmo, e ora em discussão, carece de ser profundamente modificado, de modo a poder com efficacia satisfazer o fim a que se propõe.

Ha nesse projecto faculdades conferidas ao Prefeito que lhe dão autoridade para resolver sobre cousas que não são de sua competencia, permitindo-lhe um arbitrio, que pôde annullar o beneficio que do theatro se pretende.

Ha lacunas de determinações, que precisam ser consignadas na lei institucional do theatro que tem por missão desenvolver a arte e a litteratura dramaticas nacionaes, edificando o espirito publico, e garantir a estabilidade profissional dos que ao theatro se dedicarem.

Tudo isto carece de estudo, feito com competencia e consulta de abalisados praticos.

Se o Conselho da Intendencia reconhecer que deve instituir o Theatro Municipal, limite o seu primeiro decreto a institui-lo, autorizando o Prefeito a nomear uma comissão de competentes para redigir a lei organica do mesmo theatro, que só será posta em execução depois de apreciada e approvada pelo proprio Conselho.

Só desta forma será possivel fazer-se cousa sensata e proveitosa.

E' convicção minha que a industria theatral no Rio de Janeiro não foi ainda convenientemente explorada, e a razão d'isso eu a reconheço na ineptia de todos aquelles que se fazem empresarios.

Sem capital, sem tino administrativo e sem força moral para com os elementos de que constituem as suas companhias, esses empresarios fazem da sua industria uma especie de jogo de azar; escolhendo ou preferindo inconscientemente as peças que exploram.

Para o successo dessas peças acreditam elles que são infalliveis umas tantas cousas banaes, ridiculas e até mesmo indecorosas.

Os bons elementos litterarios e artisticos são para elles de somenos importancia.

E como quem compra *poules* nos bichos do Jardim Zoologico ou lança um punhado de fichas sobre o numero palpitado de uma roleta, elles arriscam em custosas ensenações sommas que não possuem, e a pagar com o lucro eventual do aventureiro successo.

Se este se realisa, bem vae a cousa; mas se falha, o calote a fornecedores e a artistas é certo e consequencia d'elle a desmoralização e o desmantello da empresa.

D'ahi a decadencia, a desorganização e o aviltamento a que chegou o theatro.

Ha nesta capital uma numerosa parte da população, que, por não ser bastante rica, não pôde gosar o theatro lyrico, e, por ser sufficientemente honesta e educada, não pôde frequentar os outros theatros.

E' para esta sociedade limpa e seria que a Municipalidade deve custeiar um theatro serio e promotor de desenvolvimento intellectual e moral.

Esperar que um tal theatro possa com o tempo, nascer d'esse monturo que ali está a infeccionar a sociedade, é uma insensatez.

Como mais interessada no progresso moral dos seus municipios, é a Municipalidade que

compre institui-lo e mantel-o como necessario antiseptico para a chaga que ali está a corroer o organismo social de que é zeladora.

E lá se me foi n'estas reflexões todo o espaço destinado aos Theatros!

Pois tanto melhor.

A' vista do que n'elles se passa...

SANSÃO CARRASCO.

A nossa meza

Recebemos:

— *Primeiras noções de Geometria pratica*— por Olavo Freire; contendo 318 exercicios, 71 problemas e 253 gravuras. Um volume de 160 paginas nitidamente impresso e cartonado. Em carta-prefacio que n'elle figura, o abalisado mestre Dr. Menezes Vleira reputa-o: «um bom instrumento de ensino e uma prova da conquista que vão fazendo entre nós os seus principios pedagogicos».

— *Revue Medico-chirurgicale du Bresil et des pays de l'Amérique latine*. — N. 3 do 3^{me} année, par le Dr. A. Brissay, Directeur.

Como sempre enriquecida com excellentes artigos de notaveis clinicos e importantes informações scientificas.

O *Alpha*. — N. 3 do Anno I. Um interessante periodicosinho de estudantes de preparatorios, que se publica mensalmente, muito bem escripto, muito bem feito e bem impresso.

— *Revista dos constructores*. — N. 1 do Anno IV. Publicação mensal dirigida e redigida pelo engenheiro Ernesto da Cunha de Araujo Vianna.

— *A illustração*. — (De Pernambuco) n. 3, A *Capital* n. 14 (de Petropolis), *Revista Literaria*, n. 8 e S. *Paulo Sportivo* n. 95 (de S. Paulo), *O Contemporaneo* ns. 1 e 2, *O Democrata* n. 27 e a *Noticia illustrada* n. 7, (da Capital Federal).

— *Leonardo*. — Tango por Luiz Moreira; *Esperança*, schottisch por Mazarino Lima; *Ambas* edictadas por Vieira Machado & C. — *Cotinha*. — Habanera por Joaquim Garcia da Fonseca, editada por I. Bevilacqua & C.

Convites:

— Do *Turf Club*. — Para a grande corrida do Grande Premio 21 de Dezembro, a realisar-se no dia 14 do corrente.

— Do *Club S. Christovão*. — Para o baile á fantasia, em 13 do corrente.

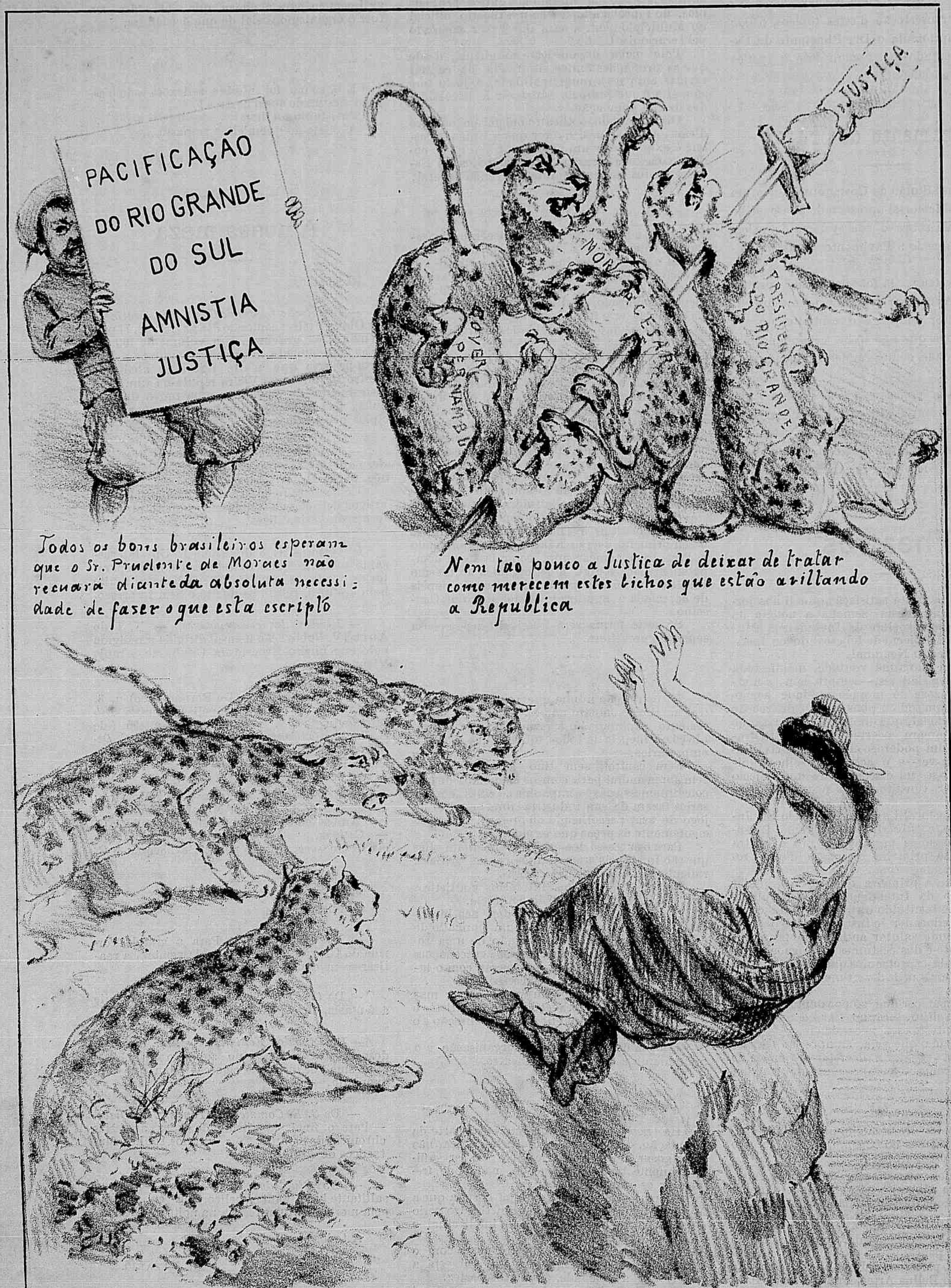
— Do *Club dos Fenianos*. — Para o estrondoso sabatt com que no sabbado ultimo da quaresma põe termo ao rigoroso jejum que tem guardado.

— Da *S. E. Commercial Tenentes do Diabo*. — Para o final apothose de todas as festas chronicas de Satanaz... e ultimos sonhos fantasticos de Plutão.

— Do *Club dos Progressistas*. — Para o saltitante baile pantagruelico, que em regosijo pela morte de Judas realisa na noite de alleluia.

A todos agradecemos.

D. MEZARIO.



Todos os bons brasileiros esperam que o Sr. Prudente de Moraes não recuará diante da absoluta necessidade de fazer o que está escripto

Nem tão pouco a Justiça de deixar de tratar como merecem estes bichos que estão arillando a Republica

Se a Nação continua a recuar diante delles arrisca-se a cair no precipicio da anarchia